

Ciclos Temáticos de Formação em Alcoologia da Unidade de Alcoologia de Coimbra

A entrevista motivacional, por Maria José Corte Real

A Unidade de Alcoologia de Coimbra (UAC) é uma unidade especializada no tratamento e reabilitação de doentes com problemas ligados ao uso, abuso e dependência de álcool, desenvolvendo para esse efeito programa de internamento e ambulatório. Os Ciclos Temáticos de Formação em Alcoologia são entendidos como um fórum de debate e formação interna e externa sobre áreas relevantes de intervenção técnica relacionada com o uso, abuso e dependência de álcool e demais problemas daí decorrentes, que se enquadrem no âmbito da prevenção, tratamento/reabilitação e reinserção de doentes com PLA's. Com este projecto, pretende-se promover o debate técnico entre as diferentes áreas do saber e distintas entidades que concorrem directa ou indirectamente para o processo de prevenção, tratamento/reabilitação e reinserção de pessoas com problemas ligados ao consumo nocivo de álcool. No dia 21 de maio, Maria José Corte Real, que acedeu também conversar com Dependências, foi a preleitora convidada a desenvolver o tema Entrevista Motivacional...



MARIA JOSÉ CORTE REAL

Em que medida representa a entrevista motivacional uma ferramenta importante no tratamento dos CAD e, em particular, na problemática do álcool?

Maria José Corte Real (MR) – A entrevista motivacional é importante porque é uma técnica, não para o nosso doente mas com o nosso doente. É um trabalho que fazemos com o doente e, nesse sentido, é importante porque, através destas estratégias, o indivíduo pode escolher o percurso que mais se adequa à sua personalidade, à sua maneira de ser e às suas condições de vida, o que acaba por dar alguma segurança no arriscar mudar o comportamento.

Quem necessitará ser mais motivado: o doente ou o próprio tratador?

MR – Se calhar os dois... Por isso, esta não é uma intervenção para o doente mas com o doente... Portanto, se calhar, precisam os dois de se motivarem e de acreditarem na capacidade de mudança.

Sendo o álcool uma substância culturalmente aceite, onde se coloca a família quando se trata o doente?

MR – Temos que a colocar ao lado do doente. Não pode ser de outra forma, até porque a família é também sofredora face a tudo o que acontece. O mal estar que o doente sente é transposto e também sentido pela própria família, portanto, é importantíssimo que, ao trabalhar-se a mudança comportamental com um doente alcoólico ou com outras dependências, que os familiares, pelo menos o de maior referência e acompanhamento, possam também ter algum espaço para compreenderem o que está a passar-se, como poderão eventualmente estar presentes e ajudar o seu familiar. Eu sou também terapeuta familiar e defendo que a família deverá fazer sempre parte do processo.

Habitualmente, estes doentes negam a sua doença... Como trabalha essa rejeição?

MR – Essa rejeição dá-me indicações de que a estratégia que estou a utilizar não está a surtir qualquer efeito e, como tal, compete ao terapeuta motivacional ir procurando outras estratégias que possam, de alguma forma, fazer sentido ao doente. Se o doente está a rejeitar tudo aquilo que está a ser trabalhado naquele momento é porque não lhe está a fazer sentido e, assim sendo, compete ao terapeuta procurar um outro caminho.

Os doentes recorrem habitualmente de livre vontade ou são "arrastados"?

MR – Temos de tudo... Temos utentes que vêm de livre vontade, outros impelidos pela família, outros com obrigatoriedade do tribunal...

Consegue apontar um caso concreto em que tenha sentido frustração nessa árdua tarefa de motivar?

MR – Nas dependências as frustrações são muitas... Uma das coisas que o terapeuta tem que saber fazer é lidar com as suas próprias frustrações e a entrevista motivacional ajuda-nos muito porque percebemos que, se calhar, é também preciso aceitar o indivíduo como ele é e perceber que, se hoje estou frustrado porque as coisas não correram bem, isso não invalida que, daqui a dois ou três meses, haja uma alteração ou mudança e se possa recomeçar um caminho. As recaídas e o andar para trás fazem parte do processo de crescimento e se lhe dissesse que tenho uma grande frustração isso signi-